

NÍVEIS DE DEPENDÊNCIA

INFORME SETORIAL

Larry Fink, da BlackRock: empresas e países estão reavaliando níveis de dependência, e isso pode beneficiar o Brasil e a América Latina

Para o CEO da gestora, nações podem se beneficiar de movimento em que companhias estão transferindo a operação para o próprio país ou para nações próximas.

InfoMoney

O choque provocado pela pandemia, juntamente com as mudanças causadas pela guerra, com o aumento dos preços de energia e de alimentos, provocou sérias mudanças na sociedade. Uma delas está ligada à reavaliação das dependências existentes entre empresas e países, segundo defendeu Larry Fink, CEO da BlackRock, maior gestora de fundos do mundo.

Em evento virtual nesta segunda-feira (4), Fink destacou agora que Países estão se questionando se entre 50% a 70% da produção de bens de uma nação, por exemplo, deve depender de outra. “Isso deve reformular toda a cadeia de suprimentos como conhecemos hoje”, defendeu o CEO.

Segundo ele, agora é o momento em que companhias estão se perguntando como diminuir qualquer tipo de dependência. Nesse sentido, ele diz que tais questionamentos podem ser positivos para a América Latina e cita exemplos como Brasil,

México e Colômbia, entre outros, que podem ser beneficiados com esse movimento.

“Se Brasil, México, Colômbia e outros focarem em dizer que estão abertos aos negócios, veremos mais companhias realizando o movimento de *nearshoring* ou *onshoring* [transferindo a operação para países mais perto, ou até para dentro do próprio país], com foco em ficar mais perto da demanda”, observou Fink.

Apesar de ter falado que a América Latina como um todo pode ser beneficiada, o CEO da gestora citou o caso específico do México, ao dizer que o país possui uma proximidade geográfica muito grande com os Estados Unidos, o que poderia ajudá-lo, caso ele estivesse disposto a alcançar esse objetivo.

Para o executivo, outra consequência de tal movimento é a divisão ainda maior do mundo entre vencedores e perdedores e um avanço ainda mais expressivo da inflação. Na visão de Fink, agora as companhias estarão cada vez mais focadas nas “redundâncias das cadeias de suprimentos”. Ou seja: em manter mais recursos disponíveis para a companhia do que aqueles estritamente necessários à operação sob condições normais.

Apesar de destacar que isso deve trazer mais pressões inflacionárias no curto prazo, Fink ponderou que esse efeito será reduzido em um intervalo de cinco a seis anos, quando elas efetivamente conseguirem aumentar a sua capacidade produtiva.

Aceleração da descarbonização

Outro ponto que deve ser acompanhado de perto agora é a aceleração do processo de descarbonização, com destaque para a Europa, segundo Fink. Na visão do gestor, a alta dos preços de energia – impulsionada pela guerra – vai exigir um movimento mais forte em torno do hidrogênio, especialmente o verde e o azul.

“Nós acreditamos que boa parte da solução vai ser trabalhar com companhias

de hidrocarbonetos, e não contra elas”, diz. “Isso pode ser uma grande oportunidade para investidores”, completou o gestor.

Capitalismo das partes interessadas

Em meio a uma série de mudanças recentes provocadas pela guerra, outro detalhe chamou a atenção de Fink nos últimos dias. Em sua avaliação, a saída rápida de grandes empresas da Rússia foi um dos maiores exemplos de capitalismo das partes interessadas (*stakeholders capitalism*, na expressão em inglês) registrado nos últimos tempos.

Na prática, tal conceito trata de avaliar como companhias conseguem impactar e gerar valor não apenas para seus investidores e acionistas, mas também para todas as partes que possam sentir o reflexo direto ou indireto de seu sucesso — ou fracasso.

Segundo Fink, tais companhias deixaram a Rússia porque os próprios funcionários e clientes começaram a questionar o que a empresa estava fazendo lá.

“Você está ouvindo não só sócios, mas funcionários e clientes. Você está trabalhando com as comunidades”, disse Fink, ao destacar que as companhias não foram forçadas por nenhum governo e que isso partiu delas mesmas.

Para Fink, isso é um “sinal de alerta para todos os governos e países”. “O poder do capitalismo das partes interessadas está aumentando”, observou o gestor, ao destacar que mais companhias estão seguindo o desejo e as necessidades dos funcionários, clientes e da comunidade ao redor.

Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET

Edição 420 - Em 07 de abril de 2022

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.